
A pauta do aborto no jornalismo: uma análise da cobertura da CNN Brasil em 2024¹

Letícia Tononi FORTALEZA²

Maria Eduarda Gomes RINCON³

Sofia Menezes RIBEIRO⁴

Yasmin GATTO⁵

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar a cobertura jornalística sobre o aborto no Brasil durante o ano de 2024, com foco na abordagem adotada pela agência de notícias CNN Brasil. A metodologia empregada baseia-se na análise de conteúdo das notícias veiculadas, considerando também os demais elementos utilizados, os atores sociais envolvidos e os possíveis vieses presentes na narrativa midiática. Além disso, o estudo dialoga com contribuições teóricas de pesquisadores da área, de modo a compreender como os discursos sobre o aborto são construídos e ressignificados no âmbito do jornalismo brasileiro.

Palavras-chave

Jornalismo; Aborto; Saúde; Política; CNN Brasil.

Introdução

A discussão sobre o aborto constitui uma pauta de grande relevância social, política e de saúde pública no Brasil, frequentemente mediada por complexos discursos e enquadramentos na esfera jornalística. Embora a grande mídia desempenhe um papel crucial na formação da percepção pública sobre temas sensíveis, observa-se uma lacuna significativa de estudos atuais acerca da maneira como o jornalismo brasileiro aborda o procedimento abortivo. A partir dessa inquietação é que surge esta investigação. Este artigo resulta de um processo de pesquisa e de discussões aprofundadas durante a disciplina "Tópicos Especiais em Jornalismo - Comunicação e Saúde", ministrada durante a nossa graduação em Jornalismo pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Durante esse período, a análise de textos como o Minimanual de Jornalismo

¹Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Aluno(a) do 5º período do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), e-mail: leticia.fortaleza@edu.ufes.br.

³ Aluno(a) do 5º período do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), e-mail: maria.rincon@edu.ufes.br.

⁴ Aluno(a) do 5º período do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), e-mail: sofia.m.ribeiro@edu.ufes.br.

⁵ Orientadora do trabalho e professora do Curso de Comunicação Social da UFES, e-mail: yasmin.cardoso@ufes.br

Humanizado (Neves, 2017) permitiu-nos refletir sobre a abordagem considerada apropriada para o noticiamento do procedimento abortivo. Tal reflexão impulsionou o questionamento central deste estudo: como grandes veículos midiáticos, especificamente a CNN Brasil, estão noticiando o aborto em seus materiais veiculados em 2024? Em termos de fundamentação teórica, este artigo também dialoga com contribuições significativas das obras Comunicação e Saúde (Araújo; Cardoso, 2007) e Aborto e Democracia (Biroli; Miguel, 2015). Ao analisar o conteúdo jornalístico da CNN Brasil, busca-se não apenas descrever a cobertura, mas também compreender a construção dos discursos sobre o aborto e a possível ressignificação de conceitos inerentes a essa pauta no contexto do jornalismo contemporâneo.

Referencial Teórico

1. Jornalismo *mainstream* no Brasil e a pauta do aborto

No âmbito nacional, houve situações em que o jornalismo já foi o principal responsável pela formação de uma opinião pública de viés conservador sobre o assunto, segundo Mantovani (2015). A autora relata um caso das eleições de 2010, em que o aborto se tornou assunto majoritário na agenda jornalística brasileira no período, fator que influenciou como o tópico era visto pelo público geral. Segundo Mantovani (2015), a forma na qual essa disseminação se deu não foi produtiva, visto que as abordagens das notícias eram sempre unilaterais. Seja com o enfoque em falas de líderes religiosos ou políticos conservadores, o assunto foi centrado em apenas um ponto de vista social, que era, e é, até hoje, contra o aborto, limitando a capacidade de ampliação de debate.

A análise dos textos publicados nos jornais O Globo, Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo indica que os veículos reforçaram em sua narrativa uma cobertura que colaborou para reforçar posicionamentos socialmente conservadores, determinado pelas igrejas em seu movimento de persuasão aos fiéis contra o voto "naqueles que defendem o aborto". Dessa forma os limites da controvérsia foram menos sobre o aborto e mais sobre a competição entre os dois candidatos tucano e petista na disputa pelo voto do eleitorado religioso (Mantovani, 2015, p.190)

Esse e outros casos apresentados pela autora são exemplos de como canais de comunicação de massa podem moldar discussões e, consequentemente, visões do público em relação ao direito do aborto. Ainda que o caso das eleições de 2010

evidencie a centralidade do discurso conservador e religioso na cobertura jornalística sobre o aborto, as raízes desse enquadramento datam de períodos anteriores, conforme apontado por Souza e Brandão (2012). A partir da análise de textos publicados entre 2005 e 2009 nos jornais Folha de S. Paulo e O Globo, as autoras identificam que o debate sobre métodos contraceptivos emergenciais, como a pílula do dia seguinte, foi pautado predominantemente por vozes ligadas à Igreja Católica e ao Ministério da Saúde, sendo a primeira responsável por difundir uma lógica argumentativa que igualava o uso do método ao aborto. Tais discursos foram incorporados pela imprensa por meio de metáforas bélicas e marcadores morais que ignoravam os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres, ao mesmo tempo em que reconfiguravam a anticoncepção de emergência como prática abortiva. Dessa maneira, mesmo em contextos nos quais a cobertura não tratava diretamente da interrupção voluntária da gravidez, os valores conservadores e religiosos permeavam a construção noticiosa e restringiam a pluralidade de pontos de vista sobre o tema.

Esse padrão de cobertura, além de ancorado em premissas morais, é caracterizado por uma abordagem episódica e pouco aprofundada, conforme revela a análise de Belin e Rizzotto (2021). Ao investigar notícias publicadas em veículos como Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, Huffpost Brasil e Nexo Jornal, as autoras constataram que, ainda que a cobertura fosse majoritariamente favorável ou neutra em relação ao direito ao aborto, predominava o enquadramento “episódico” e superficial, com escassa contextualização histórica, legal e social.

Apesar da recorrência com que é praticado, encoberto por um véu de silêncio, medo e estigma, o aborto carrega em si nuances relacionadas a questões de gênero, saúde pública, classe, raça, moralidade e religião, de forma que discussões sobre esta temática costumam ser polarizadas e a cobertura midiática sobre ela, cautelosa (Belin; Rizzotto, 2021, p. 163).

2. Esfera da Comunicação e Saúde:

Os princípios da Comunicação e Saúde (C&S), conforme delineado por Araújo e Cardoso (2007), oferecem um arcabouço teórico robusto para avaliar e orientar o noticiamento do aborto. A C&S é concebida como um campo em si, que transcende a mera instrumentalização da comunicação para atingir objetivos de saúde. A sua aplicação no jornalismo sobre o aborto deve alinhar-se aos pilares do Sistema Único de

Saúde (SUS): Universalidade, Equidade, Integralidade, Descentralização, Hierarquização e Participação. Neste trabalho, delineamos como estes pilares devem ser aplicados para o tratamento de notícias sobre aborto conforme a tabela abaixo:

Tabela 01:

Princípio da Comunicação e Saúde	Conceito Central (ARAÚJO; CARDOSO, 2007)	Aplicação Ideal no Jornalismo sobre Aborto
Universalidade	Comunicação como direito de todos, com foco na apropriação da informação.	Garantir acesso amplo e compreensível a informações precisas sobre aborto legal e direitos, criando espaços para vozes diversas.
Equidade	Respeito às diferenças e contextos; estratégias redistributivas.	Reconhecer e adaptar a cobertura às diversas realidades das mulheres, evitando estereótipos e focando na contextualização.
Integralidade	Visão holística da saúde; produção social dos sentidos; polifonia.	Abranger dimensões de saúde, sociais, econômicas e éticas, reconhecendo a complexidade e multiplicidade de narrativas.
Descentralização	Desconcentração do poder de fala; "apoderamento".	Amplificar vozes locais e marginalizadas, capacitando indivíduos e grupos a tomar posse da narrativa, em vez de depender de fontes centrais.
Hierarquização	Reavaliação da "competência para falar"; apoio a instâncias locais.	Valorizar diversas formas de conhecimento e expressão, além das fontes autoritárias tradicionais, apoiando esforços jornalísticos locais.
Participação	Fomento do diálogo e ação coletiva; superação da "democratização simulada".	Criar espaços para a contribuição pública e refletir diversos pontos de vista, desafiando práticas que negam o direito de ser ouvido.

Metodologia

O corpus da pesquisa é composto por 98 notícias publicadas pela CNN Brasil ao longo do ano de 2024. As notícias foram coletadas no site da própria agência de notícias por meio da tag "aborto" e, posteriormente, filtradas com base em critérios específicos: foram excluídas notas repetidas, simples atualizações de matérias anteriores e registros meramente informativos que não contribuíam com novos elementos discursivos. O recorte temporal foi segmentado em trimestres para possibilitar uma análise comparativa entre os diferentes momentos do ano e um recorte individualizado de cada autora deste artigo, especialmente em relação à influência de eventos políticos nacionais

e internacionais na cobertura do tema.

Análise do veículo CNN Brasil:

A CNN Brasil é uma empresa de comunicação fundada em 2020, fruto de um licenciamento da marca original norte-americana. Seu posicionamento editorial se estrutura em torno de uma proposta de jornalismo 24 horas com foco em notícias nacionais e internacionais, apresentando-se como um canal com pretensão de neutralidade e informação qualificada. Apesar disso, sua estrutura acionária privada e alianças editoriais indicam certas inclinações para a cobertura política institucionalizada, com forte presença de fontes governamentais e empresariais. No Brasil, a CNN tem sede em São Paulo, e seu conteúdo é distribuído tanto por meio de transmissões televisivas quanto por plataformas digitais, incluindo o portal de notícias analisado neste trabalho.

Ao analisarmos as notícias sobre aborto na CNN Brasil durante o primeiro trimestre de 2024 (01/01/2024 - 31/03/2024), revela-se um cenário editorial notável, marcado pela predominância da temática atrelada à política internacional, especialmente a do norte global. Das 18 matérias identificadas como notícias sobre a prática abortiva, 10 matérias direcionaram o foco para desenvolvimentos legislativos em países como França e Argentina, a retórica anti-aborto de Javier Milei, e os debates sobre a pílula abortiva e eleições nos Estados Unidos. Essa inclinação para pautas externas sugere uma priorização de agendas globais em detrimento de uma abordagem mais aprofundada sobre a realidade brasileira. Um aspecto relevante da análise é a ausência de enquadramentos "acusadores" ou que criminalizem o aborto na cobertura da CNN Brasil, evitando eforçar preconceitos diretos ou estereótipos negativos sobre a mulher que recorre ao aborto legal.

Contudo, essa postura considerada adequada em não criminalizar não se traduziu em uma cobertura aprofundada dos aspectos de saúde pública e pesquisa científica relacionados ao tema: apenas duas matérias identificadas durante este período se dedicaram a essa dimensão, limitando a construção de um sentido mais completo e informativo sobre o procedimento. A análise também identificou uma assimetria no tratamento dos atores políticos entre as esferas nacional e internacional. No contexto brasileiro, a CNN Brasil tende a ocultar os nomes de políticos responsáveis por decisões

sobre o aborto legal, referindo-se a "Prefeitura de São Paulo" ou "Ministério da Saúde" sem individualizar os agentes políticos. Em contrapartida, nas matérias internacionais, figuras como Javier Milei, presidente da Argentina; Donald Trump, presidente dos Estados Unidos; Joe Biden, ex-presidente dos Estados Unidos; e Emmanuel Macron, presidente da França, são explicitamente nomeadas. Essa diferença na personificação da responsabilidade pode influenciar a percepção pública sobre sua influência ativa na questão. Ocultar os nomes de atores políticos nacionais remove a responsabilidade e a agência individual do debate doméstico sobre o aborto, tornando-o menos imediato ou menos influenciado por decisões específicas.

Por outro lado, nomear explicitamente figuras internacionais pode personalizar e sensacionalizar narrativas políticas estrangeiras. Essa prática se alinha ao conceito de poder simbólico, onde as escolhas da mídia em nomear ou obscurecer atores podem fazer ver e fazer crer determinadas realidades. Também reflete uma forma de "hierarquização" onde vozes políticas internacionais são implicitamente consideradas mais proeminentes ou competentes para falar do que as nacionais, moldando assim a percepção pública sobre quem detém poder e influência sobre o procedimento abortivo.

Já na análise dos meses de abril à julho de 2024 (01/04/2024 - 31/07/2024), percebe-se um aumento substancial no número de matérias e notas acerca do tema, com 83 publicações trazendo em pauta o assunto, refletindo a atmosfera política que vigorava durante o período. Com os debates sobre a PL do Aborto e a repercussão do caso de uma menina de 13 anos vítima de estupro que teve sua autorização para o procedimento negada duas vezes, a relevância sobre o tópico eclodiu, tornando a busca pelo conteúdo de interesse do público.

Diferindo-se do primeiro trimestre, a abordagem das coberturas durante a PL do Aborto passam a adotar um tom mais personificado, atribuindo os vieses da votação ao buscar o enfoque às figuras do deputado Artur Lira, autor do projeto de lei, e a contraposição das opiniões emitidas pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva. Mantendo um tom estadista, a forma como as notícias se amalgamam reitera um posicionamento centrado na esfera política, deixando de lado as questões referentes à saúde pública, ao mesmo tempo em que põe em destaque a importância de que isso seja trazido à tona. “O direito ao aborto se estabelece como condição necessária para o acesso pleno das mulheres à esfera política. Trata-se, portanto, de outra questão política

crucial.” (Biroli; Miguel, 2015). E é, neste momento, que surge a elaboração de uma abordagem sensível e aprofundada ao noticiar o tema. É através da veiculação da imprensa que o público geral terá acesso às informações necessárias para consolidar uma opinião, construir sentido e ativar percepções (Salgado apud Biroli; Miguel; 2015, p. 190) e por isso deve-se tratar com minúcia da angulação dada a cada nova matéria, com enfoque principalmente nas imagens utilizadas. Em 23/06/2024, a CNN Brasil publicou duas matérias idênticas, com apenas uma hora de diferença entre si, tratando sobre as lições deixadas sobre a PL do Aborto. O que as diferia uma da outra? As imagens de capa, que, ainda que mostrando mulheres diferentes, exibiam o mesmo conteúdo: as barrigas de duas mulheres grávidas. O enquadramento neste caso evidencia um posicionamento ideológico, um erro que parece ínfimo, mas que arraigado ao inconsciente ajuda a fomentar a ideia do aborto como o assassinato de uma vida. As mulheres apresentadas em ambas as imagens não correspondem ao período gestativo em que o procedimento abortivo é realizado e a maternidade já encontra-se em outro momento (Neves, 2017).

Figura 01 e Figura 02:



Já entre os meses de agosto à dezembro de 2024 (01/08/2024 - 31/12/2024), foi marcado pelas eleições nos Estados Unidos e campanhas políticas dos principais nomes na corrida pela vitória, Kamala Harris e Donald Trump. Durante o contexto mencionado, notas sobre o tópico aborto foram veiculadas com certa frequência, por ser um dos ideais primordiais da candidata democrata, certo oposto do lado republicano, que enderga o tópico de forma muito mais restritiva. A CNN Brasil, mesmo com circulação nacional, produziu 14 matérias que expunham posicionamentos, não apenas da dupla de candidatos, mas também de todos que fomentaram esse cenário político na

época. Entre as produções, encontram-se algumas análises de dados sobre a votação com enfoque no tópico aborto, que são explorados puramente de forma informativa e imparcial. Além disso, outros artigos trazem falas de personagens importantes na perspectiva das eleições norte-americanas, como candidato à vice do governo Trump, JD Vance, e o próprio presidente, ambos com posturas contrárias ao direito do aborto. Registram-se, das 14 matérias contabilizadas anteriormente, 6 que apresentam posicionamentos anti-aborto, contra 3 que expõem as visões da oposição democrata, liderada por Kamala.

Como observado na obra *Aborto e Democracia* (Biroli; Miguel, 2015), a exposição de matérias com opiniões de cunho negativo tratando sobre o aborto traz, consequentemente, ideais também negativos para o imaginário do público consumidor das notícias, e vice versa. O contrário nunca foi observado, pois são quase inexistentes os grandes veículos de comunicação que realizam matérias com abordagens positivas sobre o tópico e tornando assim, até hoje, a discussão sobre o aborto e sua legalização um grande tabu na sociedade brasileira.

Sistematização de dados e considerações finais

Este trabalho propôs entender a maneira como o procedimento abortivo é noticiado no jornalismo brasileiro, por meio da análise das notícias veiculadas no jornal CNN Brasil. A partir dos resultados encontrados e do contexto histórico-político avaliado em *Aborto e Democracia* (Biroli; Miguel, 2015), percebe-se uma abordagem ineficiente em informar sobre o abortamento sob a ótica da saúde, conforme exposto na Tabela 02.

Tabela 02

Princípio da C&S	Prática Observada da CNN Brasil (2024)	Alinhamento/Desalinhamento	Explicação/Implicação
Universalidade	Ausência de enquadramentos "acusadores" ou criminalizantes.	Alinhamento Parcial	Contribui para um discurso menos estigmatizante, mas a falta de pautas abrangentes e diversas limita a plena realização do direito à informação.
Equidade	Priorização de agendas globais sobre a realidade	Desalinhamento	Ignora contextos e atores específicos do Brasil,

Princípio da C&S	Prática Observada da CNN Brasil (2024)	Alinhamento/Desalinhamento	Explicação/Implicação
	brasileira.		falhando em tratar as desigualdades e em adaptar a comunicação às diversas realidades.
Integralidade	Cobertura limitada de aspectos de saúde pública e pesquisa científica.	Desalinhamento	Reduz o aborto a um debate político predominantemente estrangeiro, negligenciando dimensões cruciais para uma compreensão holística da saúde.
Descentralização	Foco em figuras internacionais; referências generalizadas a entidades nacionais.	Desalinhamento	Reforça uma abordagem centralizada, limitando o apoderamento de vozes e narrativas diferentes e redistribuição do poder de comunicação.
Hierarquização	Assimetria na nomeação de atores políticos (internacionais nomeados, nacionais ocultados).	Desalinhamento	Diminui a legitimidade e competência de atores nacionais, concentrando a autoridade percebida em figuras internacionais.
Participação	Não há evidências de fomento ativo à participação pública genuína ou diálogo com mulheres, principais personagens afetadas pela veiculação do procedimento abortivo.	Desalinhamento	A cobertura predominantemente externa e a falta de profundidade local podem indicar uma "democratização simulada", não estimulando o engajamento cívico ou feminino.

O alinhamento e o desalinhamento em relação ao tratamento jornalístico adequado também foram avaliados com base no Minimanual de Jornalismo Humanizado (Neves, 2017). Consideramos alinhadas as matérias que respeitam pilares como o enfoque em direitos, pluralidade de fontes e ausência de sensacionalismo. Já o desalinhamento refere-se às matérias que negligenciam tais aspectos, reforçando estigmas com o uso de imagens que retratam barrigas gestacionais ou de termos que enfatizem o período da gestação, ignorando o contexto social de mulheres que recorrem ao aborto no Brasil. Embora a maior parte do conteúdo analisado apresente aderência aos princípios do manual (Neves, 2017), 24 de 98 (24,49%) matérias configuram-se desalinhadas, evidenciando limitações na abordagem da CNN Brasil.

A comparação entre o ano de 2010, com uso de teorias destrinchadas no capítulo 9 do livro *Aborto e Democracia* (Biroli; Miguel, 2015), e 2024, com análise do noticiamento do canal CNN Brasil, pode não ser completamente eficiente, visto que no caso mais recente estamos observando um micro-cenário que pouco influencia no eleitorado norte-americano. Porém, o veículo ainda atinge uma interessante parcela da população brasileira e ajuda na formação da opinião pública. Em geral, conclui-se que o jornal analisado, ao optar pela tentativa de neutralidade ao apresentar o tema, recai sobre uma falácia ideológica, afinal torna-se um dos agentes responsáveis por pautar os acontecimentos considerados públicos (Biroli; Miguel, 2015). Seu erro repete-se ainda na esfera da cobertura política, denotando maior cuidado ao trazer o apelo da mídia internacional e individualizando os agentes políticos centrais na discussão sobre o tema, como no caso das discussões fomentadas durante o período eleitoral dos Estados Unidos no ano de 2024. Este aspecto diverge dos princípios observados de acordo com *Comunicação e Saúde* (Araújo; Cardoso, 2007), fugindo principalmente de seu dever com a Descentralização e Hierarquização, com sua abordagem negligenciando também as informações consideradas de Interesse Público. Assim, ainda que o tema central seja noticiado de forma a cumprir com as normas do jornalismo factual, deve-se ainda reforçar a abordagem indicada através dos manuais tanto para o tema específico, através do *Minimanual de Jornalismo Humanizado* (Neves, 2017), quanto para as demais questões que tragam enfoque para a saúde pública e direitos civis.

Referências

- ARAÚJO, I.; CARDOSO, J. **Comunicação e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.
- BELIN, L. L.; RIZZOTTO, C. C. Menos Estigma, Pouco Aprofundamento: Uma Análise de Enquadramento Noticioso sobre o Direito ao Aborto. **Revista Eco-Pós**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 159–187, 2021.
- BIROLI, F.; MIGUEL, L. **Aborto e Democracia**. São Paulo: Alameda, 2015.
- NEVES, N. **Minimanual do Jornalismo Humanizado – Parte VI: Aborto**. Brasília: Think Olga; Anis - Instituto de Bioética, 2017.
- SOUZA, R.; BRANDÃO, E. R. À sombra do aborto: o debate social sobre a anticoncepção de emergência na mídia impressa brasileira (2005-2009). **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 16, p. 161-176, 2012.